

BIODIVERSIDADE ANGOLANA: LEGADO A SER PRESERVADO

Angola é um país afamado por seus copiosos recursos naturais.

É voz corrente a abundância de terras agricultáveis, de petróleo e gás natural, de diamantes, dos inúmeros minérios alojados nas suas jazidas e por fim, o formidável acervo hídrico do país.

No elenco das riquezas angolanas, uma notação essencial reporta aos seus tesouros biológicos. A fauna e flora de Angola são com justiça fator que destaca o país no conjunto das nações. Mesmo para um padrão africano, a diversidade biológica angolana é notável. A imensidão do país, somada à variada pluviometria, diferentes patamares de relevo e tipos de solo, explicam sua generosa biodiversidade.

Para apresentar alguns números introdutórios, a vegetação angolana ultrapassa 5.000 espécies de plantas, das quais 1.260 são endêmicas. Isto é: exclusivas de Angola. Isso sem contar que o elenco florístico aguarda por mais descobertas científicas.

Dentre os mamíferos, o país concentra um dos maiores conjuntos da África: 275 espécies registradas. Por sua vez, o patrimônio de aves perfaz 872 espécies catalogadas. Acredita-se que Angola seja o lar de 92% da avifauna da África Austral. Para além dos ecossistemas terrestres, uma miríade de seres vivos pulula no meio aquático. Várias espécies de mamíferos, répteis e peixes povoam os rios, lagos e águas costeiras de Angola. A densa rede hidrográfica é habitat de centenas de espécies. Mais de vinte rios deságuam na costa. Muitos outros escoam em todas as direções a partir do Planalto do Huambo. Os cursos fluviais irrigam matas ribeirinhas, alagadiços e zonas estuarinas, áreas vitais para a cadeia alimentar.

Paralelamente, o país é um proeminente centro de biodiversidade marinha, com bancos pesqueiros dos mais produtivos do mundo. Os mangues da franja litorânea são viveiros de crustáceos e peixes de importância cabal para a economia e o turismo.

Mesmo o Deserto Namibe exhibe peculiaridades extraordinárias. A planta Welwitschia é, por exemplo, um fóssil vivo, capaz de viver por mil anos ou mais a partir de uma organização metabólica sem igual. Desse modo, com tão pujante cabedal de formas de vida, é natural imaginar que a natureza figure entre os símbolos da nação angolana.

Entre muitos exemplos, este é o caso da palanca preta gigante, representação emblemática da identidade nacional. A palanca preta é um magnífico antílope endêmico de Angola. Sua silhueta forma o logo da TAAG, a empresa aérea oficial. Carinhosamente, o povo também se refere à seleção nacional de futebol como "palanca preta".

Contudo, nem tudo são alegrias e virtudes. A luta anti-colonial e a guerra civil cobraram pesada quota de sacrifícios à vida selvagem.

Exemplificando, são dezenas de áreas minadas em todo o país. Acredita-se que em 2004 estavam ativos 5 milhões desses engenhos explosivos. Tal herança dos anos de conflito colocava Angola entre os dez países mais minados do mundo. Obviamente, além da população civil, esses petardos e ações bélicas diretas provocaram mortandade na população animal. Entre suas vítimas, figuram as próprias manadas da palanca preta, cujos rebanhos minguiaram drasticamente. E foi por muito pouco que essa belíssima espécie não se extinguiu para sempre.

Os efeitos subsequentes do conflito resultaram em danos ambientais. Isso numa escala que se estendeu do desmatamento, passando pela caça clandestina e tráfico de animais silvestres à interferência humana nos parques naturais.

Esse cenário gerou ameaças à biodiversidade. Sabe-se que quase 20% das 275 espécies de mamíferos constam das listas de espécies sob risco de extinção. Outras 34 espécies de aves vivem situação semelhante. Dentre 57 espécies da ictiofauna marinha, 12 são merecedoras de medidas especiais de conservação.

Contudo, a situação de paz suscita renovado otimismo na conservação e recuperação do ambiente natural. Como em muitas outras frentes da reconstrução do país, na questão ambiental Angola demonstra forte disposição em sepultar a adversidade com esperanças.

Assim, o ministério do ambiente encetou uma somatória de ações visando ampliar o plantel de espécies ameaçadas. A desativação das minas fez retrair os danos às pessoas e ao ambiente natural. O reforço do patrulhamento nos parques nacionais - 6,6% da área de Angola - ensejou a redução da caça ilegal e o adensamento dos bosques.

Essas medidas são acompanhadas de iniciativas inéditas como a Operação Arca de Noé. Contando com a generosidade dos países africanos vizinhos, uma logística sem precedentes trouxe para Angola dezenas de elefantes, gnus, rinocerontes, girafas, avestruzes, antílopes e cheetas, transportados em contêineres especialmente desenhados para esse fim.

Tudo isso mostra o quanto a paz tem seu quinhão de repercussões positivas. E também o quanto a reconstrução caminha, em Angola, de mãos dadas com a preservação ambiental. Patrimônio único na sua majestade, a biodiversidade angolana é um legado a ser preservado, para benefício desta e das futuras gerações de angolanos.

Por Maurício Waldman



Colaborador do Centro de Estudos Africanos da USP. Pós-Doutor pelo Instituto de Geociências da UNICAMP e Pós-Doutorando em Relações Internacionais na USP com pesquisa centrada em Angola (Financiamento da FAPESP). Autor de vários livros, dentre os quais *Memória D'África - A Temática africana em sala de aula* (Cortez Editora, 2007).

Em Nova York, Miss Universo pede combate à desertificação no mundo

Leila Lopes (foto) diz que município onde nasceu em Angola também sofre com o problema; ela levará mensagem à conferência Rio + 20, em junho, no Brasil.



A Convenção das Nações Unidas sobre o Combate à Desertificação realizou, na segunda-feira (26), uma entrevista a jornalistas, na sede da ONU, para apelar para o gerenciamento adequado de terras áridas em todo o mundo. O tema será levado à Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio + 20, em junho, no Rio de Janeiro.

Postos de Trabalho: A entrevista, em Nova York, contou com a presença da Miss Universo, Leila Lopes, que também é embaixadora das Terras Áridas da Convenção das Nações Unidas sobre o Combate à Desertificação.

Nesta entrevista à Rádio ONU, ela disse que o gerenciamento adequado de terras áridas não é só necessário, do ponto de vista ambiental, mas também gera postos de trabalho.

"Isso não é uma coisa que não tem solução. Muito pelo contrário: tem solução. E pode ge-

rar muitas boas coisas, como por exemplo, emprego. Evita a fome, a pobreza. Então é importante que as pessoas saibam que é possível sim convivermos em terras que estão a se tornar desertificadas."

A Miss Universo, Leila Lopes, contou que irá a Rio + 20 para apresentar o tema, pessoalmente, a todos os chefes de Estado e governo. A conferência espera receber mais de 50 mil participantes na cidade.